

Stockinger: mestre também nas artes gráficas¹

José Francisco Alves

O mais importante escultor da história do Rio Grande do Sul é o austríaco naturalizado brasileiro, Francisco Alexandre Stockinger (Traun, Áustria, 1919). O nosso "Xico", é relevante lembrar, também se tratou de um dos principais artistas nacionais do pós-guerra. O que poucos sabem, é graças a sua origem como diagramador e chargista que ele fez o caminho inverso de sua geração: emigrou do Rio de Janeiro para Porto Alegre, em 1954.

À época, Xico trabalhava na capital federal como chargista e paginador no jornal Última Hora,² de propriedade de Samuel Wainer. Nesse vesperino, havia um gaúcho que fazia estágio, Vitorio Gheno, que estava adquirindo experiência para um novo jornal em Porto Alegre. Num dos encontros entre ambos, Xico brincou com Gheno: "Me arranja um emprego que eu vou lá para o Sul". Por incrível que pareça, o pedido foi levado à sério; em pouco tempo, Stockinger recebeu um telegrama para se apresentar ao matutino porto-alegrense A Hora,³ cujas primeiras edições saíram em novembro de 1954.

De lá para cá, Xico constituiu uma trajetória importante na imprensa gaúcha. Até junho de 1956, trabalhou no A Hora, quando se demitiu, conjuntamente com Gilda Marinho e outros, em solidariedade aos diretores afastados (Josué Guimarães, João Maia Neto, etc.). Depois de algum tempo fazendo cartazes de preços para a antiga loja "Acessórios São João", período no qual também iniciou-se na xilogravura, Xico foi chamado por Roberto Xavier para trabalhar na Companhia Jornalística Caldas Júnior. No extinto jornal Folha da Tarde, além da presença diária, possuía também uma página inteira no caderno Folha



Charge/caricatura de Xico, retratando o próprio (Folhada Tarde, década de 1960).



Caricatura de um jogador de futebol (Folhada Tarde, década de 1960).

Esportiva. Seus principais alvos eram a dupla grenal, a política, as personalidades e os assuntos pulsantes do cotidiano. Em certa ocasião, um político mordeu Stockinger para mostrar que tinha mais dentes do que a caricatura que lhe havia sido feita.

Essa sua extensa produção gráfica nunca havia sido pesquisada, até quando foi reunida, no final do ano passado, na mostra Um Laboratório de Imprensa: a arte gráfica de Xico Stockinger. Esta exposição se deu em virtude de Xico ser homenageado do 14º Salão Internacional de Desenho para a Imprensa,⁴ numa ideia que partiu da Coordenadora de Artes Plásticas da SMC, Ana Pettini. Um Laboratório de Imprensa abrangeu quase duas décadas de atuação do mestre na imprensa (1954-1972), nas áreas de Cartum, Charge, Caricatura, História em Quadrinhos e Ilustração Editorial, por meio de originais e fac-símiles, das diversas fases de sua trajetória neste campo.

Praticamente durante toda essa fase, esta era a sua "profissão" de carteira assinada: desenhista de imprensa. A o mesmo tempo, entre as décadas de 1950 e 1960, como escultor e gravador, Xico paulatinamente começou a ser reconhecido como celebridade, em nível local e nacional, participando de importantes exposi-



Charges sobre as relações de Cuba e EUA (Folha da Tarde, década de 1960).

ções. Em curto período como gaúcho, o artista foi eleito como presidente da Associação Rio-grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, a "Chico Lisboa", em 1956. Naquela eleição, a ideia era que Josué Guimarães fosse o presidente da entidade, pelo fato de ser chargista e desenhista (além de paginador) no A Hora, junto com seu parceiro Stockinger. Os dois também faziam no jornal, a "quatro mãos",⁵ a famosa coluna "Diário de Porto Alegre" (que havia sido criada por Josué anos antes, tendo se tornado sensação e feito dele o vereador mais votado da capital gaúcha, em 1951). Como certos artistas locais não aceitaram o fato de Josué Guimarães ser considerado "artista", por não reconhecerem a charge como expressão artística, houve reação contrária. Xico então assumiu essa tarefa, pois também já era conhecido como escultor. Sôbu iniciativa, como presidente da Chico Lisboa, foi organizada a 1ª Mostra de Caricaturas de Porto Alegre, em 1957, na Praça da Alfândega; nada mais, nada menos, do que o virtual embrião do próprio Salão Internacional de Desenhos de Imprensa, que foi criado em 1993, pela Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Porto Alegre.



Carlos Lacerda e JK. Charge/caricatura sobre a Frente Ampla (Folha da Tarde, outubro de 1966).

Até setembro de 1972, quando Xico se desligou do trabalho em redação na Caldas Júnior, para se dedicar exclusivamente à produção artística, sua atividade de maior destaque em jornal foi de chargista e caricaturista, mas é importante registrar que ele também atuou como colunista de humor e de arte.

O ímpeto que vemos no original do desenhista é o mesmo que observamos no consagrado artista: o aguçado humor e, ao mesmo tempo, a preocupação com a justiça social e o sofrimento humano, tão vivamente plasmados nos seus Guerreiros e nos Sobreviventes, símbolos distintivos entre os maiores de sua arte.

Notas:

1. O presente texto é uma versão ampliada do artigo Stockinger Cartunista, publicado no jornal Zero Hora, em 21 de outubro de 2006, Caderno Cultura, pág. 8.
2. Desde o final da década de 1940, Xico vinha trabalhando com charges, caricatura e histórias em quadrinhos, em revistas pulp fiction como O Cangaceiro e Contos Magazine, também no Rio de Janeiro.
3. O primeiro jornal com reproduções em cores, no Rio Grande do Sul.
4. Realizado na Usina do Gasômetro, entre 24 de outubro e 3 de dezembro de 2006.
5. Revista do Globo, Porto Alegre, 12 nov. 1955, pág. 32.

José Francisco Alves



Doutorando em Artes Visuais/UFRGS e prof. de Escultura do Atelier Livre. Foi o curador de Um Laboratório de Imprensa: a arte gráfica de Xico Stockinger. Desde junho de 2006, prepara o livro "Stockinger - Vida e Obra", a ser lançado no segundo semestre de 2007